

A FOME, O SOLO E A DINÂMICA SOCIOAMBIENTAL DE SÃO JERÔNIMO DA SERRA: UMA BREVE DISCUSSÃO CONCEITUAL

Wagner Willians Alves¹

Pedro Rodolfo Siqueira Vendrame²

Resumo: Não é tarefa fácil discutir a fome, e devido a sua complexidade ela não deve ser discutida isoladamente. Este artigo tem como objetivo realizar uma discussão conceitual da fome juntamente com outros conceitos que se correlacionam e, junto a isso analisar a dinâmica socioambiental do município de São Jerônimo da Serra – PR. Para isso, buscou-se embasamento em autores que discutem os conceitos acima citados, além de um levantamento histórico e caracterização de área do município em questão. Metodologicamente o trabalho está dividido em três capítulos que fazem essa discussão conceitual e socioambiental do município de São Jerônimo da Serra – PR. A partir dessas análises é possível verificar uma interação entre a dinâmica socioambiental no município e assim correlacionar fome e pobreza com as questões ambientais que São Jerônimo da Serra apresenta.

Palavras-chave: Fome; Pobreza; Josué de Castro.

Introdução

Não é tarefa fácil discutir a fome, e devido a sua complexidade ela não deve ser discutida isoladamente. Josué de Castro, um dos pioneiros na pesquisa da fome, já correlacionava a fome à diversos fatores e elementos para que ela fosse mais bem compreendida.

¹ Mestrando no Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) - wagner.willians.alves@uel.br

² Professor do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (UEL) - vendrame@uel.br

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo realizar uma discussão conceitual da fome juntamente com outros conceitos que se correlacionam e, junto a isso analisar a dinâmica socioambiental do município de São Jerônimo da Serra - PR.

Para isso, buscou-se embasamento em autores que discutem os conceitos acima citados, como por exemplo, Josué de Castro, Jean Ziegler e Maria Cecília Minayo para fome. João Carlos Ker, Nilton Curi e Nestor Kämpf, para solos, além de um levantamento histórico e caracterização de área do município em questão. Para este trabalho foi utilizado o SiBCS (Sistema Brasileiro de Classificação de Solos), para que se obtenha uma melhor classificação e caracterização dos tipos de solos encontrados no município de São Jerônimo da Serra - PR. Além do SiBCS, foi utilizado mapas da EMBRAPA solos, para que se compreendesse os tipos de solos do município estudado.

Metodologicamente o trabalho está dividido em três capítulos que fazem essa discussão conceitual e socioambiental. O primeiro realizando uma leitura sobre a fome, suas faces, e como ela pode vir a aparecer sob diversos olhares daqueles que a pesquisam. O segundo capítulo traz uma análise sobre o conceito de solos, sua caracterização e classificação, fazendo com que sua análise se torne de melhor compreensão a partir deste olhar. E o terceiro e último capítulo aborda uma visão histórica do município de São Jerônimo da Serra.

A fome: conceitos e paradigmas

Como dito na introdução, discutir a fome não é uma tarefa fácil, porém é necessária. A fome sempre foi um tabu para humanidade, e por mais que parece um conceito pronto, ela possui diversas faces, e é isso que buscou-se realizar neste capítulo, apresentar o conceito de fome e suas diversas visões de análises, para uma melhor compreensão.

Quando se fala em fome, logo se remete a um olhar para pessoas esqueléticas, sem alimento suficiente para suprir suas necessidades. Até certo ponto, essa visão de fome não está errada. Logo, a fome não se restringe somente a isso, afinal de contas, se fosse tão fácil apresentar a fome, também seria fácil a sua reversão e combate.

Josué de Castro, pioneiro da pesquisa da fome no país, em seu livro *Geografia da Fome – o dilema brasileiro: pão e aço*, relata que a fome no Brasil é consequência de um passado histórico, onde grupos humanos sempre estiveram em lutas e quase nunca em harmonia com os quadros naturais. Lutas essas, em certos casos, provocadas e sendo culpa, de uma exploração do meio pelo elemento colonizador, que só considerava este meio como algo que significasse uma vantagem direta e imediata para seus planos de aventura mercantil. Isto demonstra que a exploração exacerbada é um ponta pé inicial para o elemento fome no país.

Até meados do século passado, a fome era como um tabu: o silêncio cobria os tumultos, o massacre era fatal. Como a peste na Idade Média, a fome era considerada como um flagelo insuperável, de tal natureza que a vontade humana, diante dela, nada podia fazer. (ZIEGLER, 2013, p.103).

A fome sempre existiu como sempre houve pobreza ao lado da riqueza. Porém, ela sempre foi um tabu para a humanidade (CASTRO, 1984). E como retrata Ziegler (2013), até meados do século passado, a fome era um tabu, sendo considerada como um flagelo insuperável, de modo que a humanidade nada poderia fazer para contê-la.

Mas o que seria essa fome, da qual não se podia falar, ou discutir?

Durante muitos anos a fome foi considerada como uma doença contagiosa e, por muitos, até como um mal necessário para a manutenção da humanidade. E muitos pesquisadores contribuíram para esse pensar fatalístico. Um dos exemplos mais populares é o de Malthus, que em meados do século XVIII escreveu o livro *Primeiro Ensaio sobre a População*, o qual dizia que a miséria seria um obstáculo positivo, que sempre atuou ao longo da história da humanidade, reequilibrando a disparidade, entre o conhecimento da população e a produção de alimentos (DAMIANI, 2011).

Mais que nenhum outro pensador, Thomas Malthus contribuiu para essa visão fatalística da história da humanidade. [...] na alvorada da modernidade, permaneceu surda e cega ao escândalo da morte de milhões de seres humanos, até mesmo acreditou encontrar nesse massacre cotidiano uma judiciosa forma de regulamentação demográfica, tudo isso se deve, em grande parte a Malthus e à sua grande ideia da “seleção natural”. (ZIEGLER, 2013, p. 103).

Por traz dessa constatação de “seleção natural” Malthus destacou o crescimento da população em um ritmo geométrico, e a produção de alimentos em um ritmo aritmético (DAMIANI, 2011). Ou seja, o homem se reproduziria em um ritmo de coelho, e a produção de alimentos em um ritmo de tartaruga (ABRAMOVAY, 1985).

Portanto, vê-se aqui uma visão de que a população aumentaria em um ritmo superior ao da produção de alimentos, e a fome acabaria se tornando um mal necessário para essa manutenção da humanidade. O olhar de Malthus não foi o único, e por muitos anos essa visão Malthusiana foi utilizada para explicar a utilidade da fome como mal necessário. Contudo, Malthus não levou em consideração que a fome é a causa e não efeito da superpopulação, e que não há fome por excesso de pessoas, mas existe esse excesso de pessoas por causa da fome (CASTRO, 1966).

A fome crônica, segundo Castro (1966) determina uma elevação nos índices de fertilidade e nos níveis de natalidade da população, acelerando intensivamente o crescimento da população, ou seja, a fome não é causa da superpopulação, mas sim consequência dela, “através de um complexo mecanismo psicológico, social e mesmo biológico, a fome crônica se constitui como um fator de superpopulação das zonas de miséria e de pauperismo generalizado” (CASTRO, 1966, p 27).

Mesmo com tantas contradições às ideias de Malthus, elas não morrem com ele e, por meio dos neomalthusianos, seus ensinamentos foram retomados no século XX, avançando em novas direções (DAMIANI, 2011). Ainda que não persistam integralmente nos pensamentos de Malthus, ou seja, não os sigam à risca, os neomalthusianos chegaram a duas conclusões básicas: A primeira que a fome é vista como produto da superpopulação e, a segunda de que o controle demográfico seria a única saída contra o fim da civilização. Portanto, segundo os neomalthusianos, a fome continua sendo uma consequência da superpopulação, e não o contrário como afirma Castro (1966). Mas não se limita somente a isso, afinal, a fome acima citada está relacionada somente a falta de alimentos.

Autores que pesquisam o assunto, chamam atenção para outro problema da fome além da privação de alimentos. Mostrando assim, que a fome pode ter diversas faces. Como colocado anteriormente, a fome não manifesta-se somente quando fica-se sem comer, como afirmam a maioria das pessoas. Sentir fome vai além da privação de alimentos, porém, é em sua forma quantitativa que inicia-se a sua explicação. (ALVES, 2017. p. 24)

Como relata Alves (2017), a fome vai muito além da privação de alimentos. Contudo, vale-se entender a fome a partir da forma quantitativa, pois essa acaba por ser a forma mais conhecida da fome. Segundo Abramovay (1985), a fome se apresenta de forma quantitativa, pois acaba sendo impossível alimentar-se bem comendo pouco. Ou seja, a ausência de alimentos em quantidade suficiente é uma das causas de fome, porém não se limita a isso.

Sobrinho (1981) chama atenção para outro tipo de fome, a qualitativa. Que seria a fome por falta de qualquer um dos nutrientes indispensáveis pela manutenção da saúde humana. Neste caso, segundo o mesmo autor, o indivíduo pode ter acabado de comer e mesmo assim sentir-se com fome, afinal suas necessidades nutritivas não foram sanadas.

Jean Ziegler (2013) chama a atenção para outro tipo de fome, essa altamente visível, e repentina. A fome conjuntural é produzida quando ocorre uma catástrofe natural, como: secas, inundações, gafanhotos e até mesmo na ocorrência de uma guerra. Esse tipo de fome acaba por se formar quando milhares de pessoas são alocados em acampamentos, e ali não podem plantar nem colher, e o que lhes restam é a espera por algum programa que os ajudem a dar o mínimo possível referente à alimentação.

Estas são as fomes que podem ser percebidas por meio das fisionomias daqueles que padecem das mesmas. Contudo, há também, segundo Alves (2017), aquelas fomes chamadas de ocultas, e que dificilmente são percebidas, e acabam fazendo vítimas milhões de pessoas. “Um homem, uma mulher, uma criança podem ter peso normal e, no entanto, estarem mal nutridos [...]” (ZIEGLER, 2013. p.56), isso significa que a desnutrição causada pela má nutrição não é imediatamente percebida, fazendo com que as pessoas pareçam saudáveis, mesmo padecendo de fome, e em casos graves, este tipo de fome pode levar à morte daqueles que padecem. “Uma fome não saciada não permite, pois, a cobertura das necessidades nutricionais fundamentais do

organismo. A não satisfação destas necessidades virá a provocar graves acidentes de saúde” (SOBRINHO, 1981, p.15).

Quando uma fome não é saciada, e nem mesmo há uma satisfação das necessidades nutricionais podem causar graves danos à saúde do indivíduo. Como foi visto anteriormente, a produção de alimentos não está crescendo de forma desproporcional ao crescimento populacional, como pensava Malthus e os neomalthusianos. (ALVES, 2017. p.25)

Assim, a fome em sua complexidade conceitual é explicada. Contudo, ela é muito mais do que isso. Sua compreensão, e entendimento são perceptíveis a partir de outros conceitos geográficos. Neste trabalho, analisa-se também o conceito de solo, para que se obtenha uma maior compreensão sobre o espectro da fome e suas diversas faces.

Conceituação, caracterização e classificação do solo

Devido a sua grande extensão territorial, clima diversificado, além de outras características, o Brasil possui uma grande variedade pedológica, que faz com que o país seja um grande campo de estudo do solo e sua relação entre diversos fatores, dentre eles a fome.

Josué de Castro em seu livro *Geografia da fome o dilema brasileiro: pão ou aço* (1984) relata que é preciso designar as populações mais ameaçadas e estudá-los. Castro (1984) ainda acrescenta que, no sentido médico é preciso observar a nutrição, já no sentido geográfico é necessário observar o clima, relevo, as plantas, os animais e o solo ao qual estão inseridas essas populações.

Não adianta apresentar dados estatísticos de uma população sem levar em consideração, também, os fatores físicos da localidade onde essas populações estão inseridas. Assim, este capítulo apresenta uma breve conceituação sobre os solos brasileiros, destacando aqueles encontrados no município de São Jerônimo da Serra - PR.

Para compreender as características pedológicas do município faz-se necessário antes de tudo compreender qual o sentido de solo para as ciências que o pesquisam, e qual o sentido desse conceito para a Geografia.

A pergunta principal para se iniciar esse debate sobre o conceito está na questão “O que é solo?”. Uma questão que Kämpf e Curi (2012) ajuda a entender. Por sinal, os autores fazem a mesma pergunta, e esta, pode possuir diversos significados, já que cada um pode possuir uma compreensão diferente para a palavra ou conceito.

Perguntar “o que é solo?” para um pedólogo, pode vir a ter uma resposta diferente da respondida por um agricultor, e esse pode ser respondida diferentemente por Agrônomo ou para um Engenheiro Civil. O significado do conceito parte muito daquele que é questionado sobre, e isto não faz o solo ter difícil compreensão, mas sim possuir um conjunto de respostas maior e ser mais acessível seu entendimento.

Diversas são as utilizações que se pode dar ao solo, uma vez que este acaba sendo utilizado de formas variadas dependendo de quem o manuseia ou estuda. Sendo assim, vale levar em consideração as diversas observações, sobre o solo, constituído pelos mais variados ramos da ciência.

Segundo Kämpf e Curi (2012, p.1-2)

Geralmente, as pessoas têm algum entendimento do significado do termo solo, pois é uma característica do ser humano reconhecer e entender um objeto conforme aprendeu a olhá-lo e a manipulá-lo. Assim, para um Engenheiro Agrônomo, o solo pode ser o meio capaz de armazenar e fornecer água e nutrientes para o cultivo de plantas. Para um Engenheiro Civil, o solo pode ser um material com determinada pela capacidade de suportar cargas e edificações, rodovias, ou adequado para a instalação de fossas sépticas e outros usos. Para o Pedólogo, o solo é um corpo tridimensional formado na superfície terrestre, por meio da interação dos fatores ambientais (material de origem, clima, relevo, organismos) agindo ao longo do tempo, [...]. Em vista disso, o conceito de solo, sua abrangência, estudo e análise variam conforme a atividade profissional e o modelo conceitual que ele representa nos diferentes ramos do conhecimento.

Portanto, o solo, além de possuir diversas utilidades, também possui observações diferentes, variando segundo cada campo de estudo, ou objetivo de estudo. Vale ressaltar que neste trabalho o conceito de solo será abordado pelo viés geográfico, mas sem deixar de lado as diversas contribuições dos diversos ramos da ciência que o abordam. Uma vez que, estas contribuições são deveras fundamentais para a construção do entendimento sobre o conceito dentro da Geografia.



Levando em conta o que Kämpf e Curi (2012) abordam sobre o conceito de solo na citação anterior, verifica-se a importância do solo para a humanidade, uma vez que é por meio do solo que a mesma constrói suas casas, estradas, prédios, também é por meio do solo que a humanidade cultiva seus alimentos. O solo é um bem muito valioso, e a busca por um “pedaço de terra” cultivável é um dos objetivos realizados pelo ser humano desde o início dos tempos.

Para a humanidade, portanto, os solos constituem um dos bens mais valiosos e merecedores de proteção. Para isso é necessário um conhecimento adequado de suas propriedades, funções e potencialidades. (KÄMPF e CURTI, 2012. p. 3).

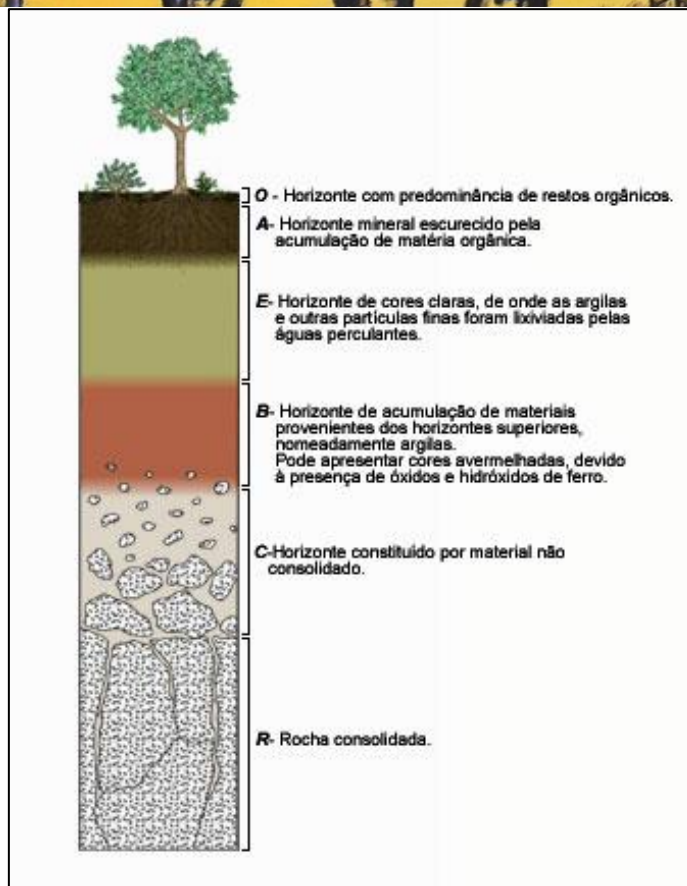
Historicamente falando, o solo é utilizado pela humanidade desde os seus primórdios, fazendo com que esse elemento natural seja de fundamental importância para o ser humano. O homem utiliza o solo para diversas finalidades. É sobre o solo que se constrói sua moradia, e é no solo que a humanidade produz seu alimento.

Mas o que é esse recurso tão importante para humanidade?

O solo, parte superficial da crosta terrestre, se forma da alteração do seu substrato geológico rochoso, a rocha-mãe, e da decomposição da cama ou matéria orgânica morta proveniente do povoamento vivo que ali se desenvolve. (MAZOYER, 2010. p. 80).

Segundo Mazoyer (2010) o solo é a parte superficial da crosta terrestre derivada da alteração de uma rocha-mãe e da decomposição de matéria orgânica. Assim, o solo pode ser observado possuindo diversos horizontes (figura 01), ou camadas, que o compõem, que vão desde a camada superficial até suas camadas mais profundas, chegando ao seu material de origem (rocha mãe).

Figura 01: Perfil do solo



Fonte: <http://www.dct.uminho.pt/pnpg/gloss/horizontes.html>

Um perfil de solo, como visto na figura 01, é uma seção vertical do terreno, desde a superfície até o material de origem. O perfil de solo é formado por horizontes que estão paralelos à sua superfície, que acabam diferindo dos horizontes subjacentes em propriedades morfológicas, físicas, químicas, mineralógicas e biológicas (RIBEIRO et al. 2012).

Segundo Ribeiro (2012) os horizontes são subdivididos em: horizontes superficiais, horizontes subsuperficiais e rocha alterada, ou como visto na figura 1, representado por letras do alfabeto.

A nomenclatura adotada no Brasil para designação dos horizontes segue, em linhas gerais, o esquema sugerido por Dokuchaev, que utiliza as letras do alfabeto ocidental para designar os sucessivos horizontes e camadas do solo. Como regra, os horizontes ou



camadas principais são representados por letras maiúsculas (O, H, A, E, B, C, F e R) [...]. (RIBEIRO et al., 2012. p. 48).

Porém, para entender o solo é preciso ir mais a fundo, e levar em consideração diversos fatores que estão relacionados com a sua formação, dentre eles, material de origem, clima, relevo, vegetação, e também processos antrópicos, ou seja, a ação humana deve ser levada em consideração para a constituição de determinados tipos de solo, sobre sua fertilidade ou infertilidade.

Isto significa que o solo, como componente intrínseco de geocossistemas, constitui um sistema dinâmico, constantemente perturbado por forças internas e externas. [...] Portanto, para estabelecer as reações dentro do sistema e deste com bastante claros no caso de organismos vivos, por exemplo, uma árvore ou uma bactéria; mas geralmente não são no caso de solos; nesta situação, os limites do solo são definidos a partir dos objetivos do estudo pretendido. (KÄMPF e CURI, 2012. p. 13).

O solo é um organismo vivo e que está em constante transformação, devido aos diversos fatores que o compõem, que não se restringem somente ao material de origem, ou “rocha mãe”. A partir de todos esses fatores que compõem a formação do solo, se fazem possível classificá-lo e caracterizá-lo.

A caracterização do solo segundo Ribeiro (2012), é feita por meio do exame do seu perfil (figura 1), com o registro dos principais aspectos morfológicos encontrados. Este tipo de descrição é feito por meio das características morfológicas, ou seja, as propriedades microscópicas, que acabam sendo, facilmente, percebidas pela visão e pelo tato.

Ribeiro (2012) ainda completa que,

As características morfológicas constituem a base inicial para a definição de qualquer corpo natural. Inicialmente utilizada na botânica, zoologia, medicina, a morfologia foi introduzida na ciência do solo a partir do momento em que o solo passou a ser considerado como um corpo natural dinâmico, representado pelo *pedon* (menor volume que pode ser considerado como solo), e estudado através do perfil de solo. Por isso, a morfologia do solo é de importância fundamental para sua caracterização, definindo, inclusive, os pontos de coleta de amostras para análises de laboratório. (RIBEIRO et al., 2012. p. 48).

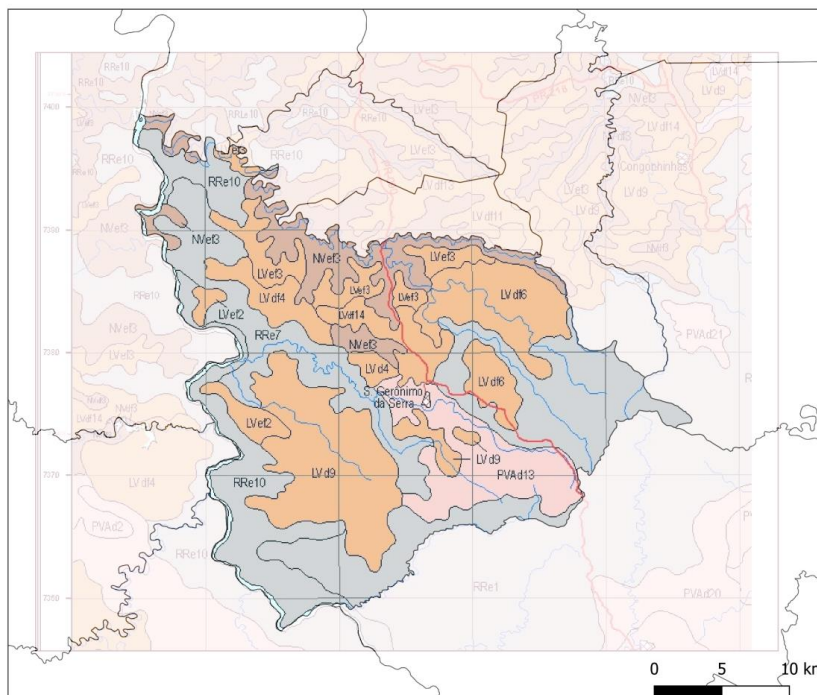
Isso demonstra como o solo é um organismo que está em constante reformulação, sendo considerado como um corpo natural. E devido a sua importância, torna-se fundamental seu entendimento, tanto no campo quanto em laboratório.

Curi e Kämpf (2012) relatam que o objetivo fundamental da caracterização do solo, no campo ou no laboratório, é o entendimento dos solos na natureza. Para ser mais específico, a caracterização dos solos tem como objetivo, o conhecimento deste objeto de estudo por meio de suas características morfológicas, físicas, químicas, biológicas e, ou mineralógicas. Tal conhecimento pode vir a ser utilizado para diversas finalidades, como: comparativos de propriedades de indivíduos (solo), visando à classificação, ou até mesmo para avaliar seu comportamento ou sua aptidão para determinados usos, ou dependendo, até mesmo para recomendarem-se práticas de manejo para os mesmos.

A caracterização do solo inclui, portanto, a expectativa de uma resposta a hipóteses ou perguntas formuladas, tais como: qual é a gênese dos solos, ou seja, como atuaram os fatores e processos pedogenéticos em determinada situação? Qual é a atuação dos solos como habitat de organismos? De que maneira os solos funcionam como filtro das águas de descarte? Qual é a aptidão dos solos para determinados usos da terra? E infinitas outras questões. (CURI e KÄMPF, 2012. p. 148).

O município de São Jerônimo da Serra - PR possui uma variedade de solos devido a sua localização geográfica, e essa variedade pedolística (figura 02) é um dos motivos que levaram a esse trabalho.

Figura 02: Características pedogenéticas do município de São Jerônimo da Serra - PR



Fonte: IBGE, 2016 (alterado pelo autor)

Tipos de solos presentes no município de São Jerônimo da Serra - PR:

- PVAd13: Argissolos Vermelho-Amarelos distróficos;
- LVd4 – LVd9: Latossolos Vermelhos distróficos;
- LVdf6 – LVdf14: Latossolos Vermelho distroféricos;
- LVe2 – LVe3: Latossolos Vermelhos eutroféricos;
- NVe3: Nitossolos Vermelhos eutroféricos;
- RRe10: Neossolos Regolíticos eutróficos.

Cada um desses solos possui uma característica que o diferencia do outro, seja, material de origem, minerais ou, até mesmo, presença, ou não, de matéria orgânica. Para uma melhor compreensão dos tipos de solos presentes no município, vale utilizar o SiBCS (Sistema Brasileiro

de Classificação de Solos) a partir do olhar de Anjos (2013) que apresenta, de forma resumida, a taxonomia³ dos solos acima citados (Quadro 1).

Quadro 1: características taxonômicas dos tipos de solos encontrados no município de São Jerônimo da Serra - PR.

Nomenclatura	Característica taxonômica
Argissolos	Do latim “argila”, conotando solos com processo de acumulação de argila. Grupamento de solos com B textural, com argila de atividade baixa ou alta conjugada com saturação por bases baixa ou caráter alítico. O critério para sua identificação é o desenvolvimento (expressão) de horizonte diagnóstico B textural em vinculação com atributos que evidenciam a baixa atividade da fração argila ou o caráter alítico.
Latosolos	Do latim “lat”, material altamente alterado (tijolo); conotativo de elevado conteúdo de óxidos. Grupamento de solos com B latossólico. O critério para sua identificação é o desenvolvimento (expressão) de horizonte diagnóstico B latossólico, em sequência a qualquer tipo de A e quase nulo, ou pouco acentuado, aumento de teor de argila do horizonte A para o B.
Nitossolos	Do latim “nitidus, brilhante; conotativo de superfícies brilhantes em unidades estruturais. Grupamento de solos com horizonte B nítico abaixo do horizonte A. o critério para sua identificação é o desenvolvimento (expressão) de horizonte B nítico, em sequência a qualquer tipo de horizonte A, com pequeno gradiente textural, porém apresentando estrutura em blocos subangulares ou angulares brilhantes nas unidades estruturais, ou caráter retrátil (SANTOS et al., 2009).
Neossolos	Do grego “neos”, novo, moderno; conotativo de solos jovens, em início de formação. Grupamento de solos pouco evoluídos, sem horizonte B diagnóstico definido. O critério para sua

³ Termo menos abrangente do que classificação. Parte da classificação que trata primariamente das relações naturais entre solos e entre os fatores responsáveis por seu caráter. Inclui nomes, ordenação e distinção sistemática de grupos dentro de determinado campo de estudo. Muitas classificações podem ser feitas a partir da taxonomia básica. (RESENDE et al., 2013.p.22)

identificação é a insuficiência de expressão dos atributos diagnósticos que caracterizam os diversos processos de formação, com individualização de horizonte diagnóstico superficial seguido de C ou R. predomínio de características herdadas do material originário.

Fonte: ANJOS et al, 2013. Adaptado pelo autor

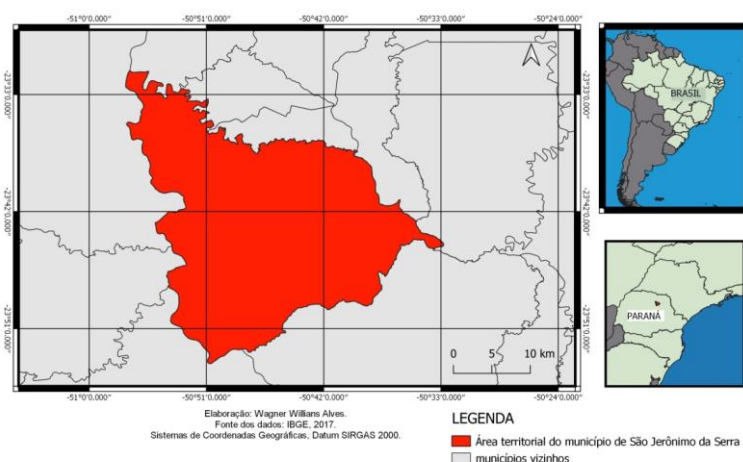
Sobre são jerônimo da serra (PR): histórico do município

Para uma melhor compreensão sobre São Jerônimo da Serra - PR (figura 3), vale ressaltar seu processo histórico de formação, uma vez que esse processo influenciou, ou ainda influência, o momento atual desta localidade. Pensando nisso, foi realizado um breve contexto sobre o município, que conta também com dados socioambientais presentes nesse processo histórico.

O município de São Jerônimo da Serra está localizado entre o Segundo e o Terceiro Planalto paranaense, portanto, uma área de transição do relevo do estado. Devido a isso, o município conta com uma variedade de solos, o que também veio a influenciar no uso e ocupação do mesmo.

Figura 3: Mapa de localização do município de São Jerônimo da Serra – PR

LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE SÃO JERÔNIMO DA SERRA - PR



Fonte: IBGE, 2016 adaptado pelo autor

A colonização da área onde atualmente está situado o município de São Jerônimo da Serra, começou com a (re)ocupação das terras do Norte do estado do Paraná, o qual iniciou-se principalmente na segunda metade do século XIX. Nos anos de 1840, e na década seguinte as frentes dos colonizadores chegaram até o Rio Tibagi (PÉRICLES, 2017), região onde hoje se encontra o município, e onde havia a presença de alguns grupos de indígenas das etnias Caingangues e Guaranis (PREFEITURA MUNICIPAL, 2017).

Durante os governos de D. Pedro I (1822-1831) e dos regentes, no Período Regencial (1831-1840), a luta pela emancipação político-administrativa do Paraná, com relação a província de São Paulo, se acirrou, o que levou a conquista e emancipação do estado em 1853, isso já no governo de D. Pedro II (1840-1889). A partir deste fato histórico, iniciou-se uma grande preocupação do governo paranaense e imperial quanto a ocupação das áreas que ainda não eram “civilizadas”.

Assim as expedições militares se iniciam com o objetivo, além da ocupação, de catequizar os índios, como os Guaranis e os Kaingangues. E no ano de 1851 é criada a Colônia Militar de Jathay, as margens dos Rios Tibagi e Paranapanema onde hoje se encontra o município de Jataizinho, por João da Silva Machado, conhecido como Barão de Antonina.

Vale lembrar, que durante a década de 1850, mais especificadamente em 1854, o Imperador D. Pedro II enviou uma expedição, sob o comando dos sertanistas Joaquim Francisco Lopes e João Elliot, com a missão de catequisar os indígenas que viviam nessa região. A partir de então, a história do município de São Jerônimo da Serra se inicia, pois de Jathay, os desbravadores subiram até a foz do rio São Jerônimo e seguiram até sua cabeceira, onde iniciaram a fundação do aldeamento (PÉRICLES, 2017), com o nome de “Aldeamento de São Thomas de Papanduva” onde hoje se encontra o município de São Jerônimo da Serra. No entanto, existe uma teoria que contesta o primeiro nome de São Jerônimo da Serra que seria São Thomas de Papanduva (PREFEITURA MUNICIPAL, 2017).

Ao que tudo indica, em 1867 uma nova expedição chegou ao aldeamento sob o comando do Barão de Antonina e dos religiosos Frei Luiz de Cemitille e Frei Timóteo (IBGE, 2017). Foi neste mesmo ano que o aldeamento recebeu o nome de “São Jerônimo”, devido ali ser construída a primeira capela em homenagem ao santo, que hoje é padroeiro do município.

Durante as primeiras décadas do século XX, logo após a fundação do município de São Jerônimo da Serra, as primeiras atividades desenvolvidas eram a criação de porcos e sistemas de safras cuja produção era destinada ao mercado interno do país. No município também predominava a extração de madeira com diversas serralherias, e ainda garimpo de diamantes (LUZ, 2015).

Outra atividade econômica que predominava no município era o café. No auge da cultura, e com a influência da Igreja Católica, ocorreu a chegada de muitos imigrantes vindos de diversas partes do mundo, como italianos, espanhóis, japoneses, portugueses, que saíram de seus países e vieram para o Brasil, primeiramente para São Paulo, mas depois se dirigiram para o estado do Paraná. Também merecem destaques, os migrantes nordestinos, mineiros e paulistas que por meio do café, foram atraídos para o Paraná.

Em decorrência do trabalho dos precursores e com a colaboração do Coronel Deolindo Corrêa de Mello, em 23 de fevereiro de 1920, São Jerônimo conseguiu sua emancipação política, sendo elevado à categoria de município desmembrando-se de Tibagi (PREFEITURA MUNICIPAL, 2017). Porém, este status de município perdura é alterado, e em 26 de fevereiro de 1945, por meio do decreto de lei nº 311, São Jerônimo, já com o nome de Araiporanga, passa a ser distrito tem sua sede transferida para o município de Congonhinhas.

Dois anos após Araiporanga ter se incorporado à Congonhinhas ele retoma o *status* de município, conquistando assim, sua emancipação política em relação ao município de Congonhinhas em 1947, porém, sem ter seu nome atual, que só passa a ser São Jerônimo da Serra em 1951 com a divisão territorial do estado do Paraná.

Com o início da crise do café, nas décadas de 1960 e 1970, acabou ocorrendo uma diversificação das atividades agrícolas, levando os agricultores optarem pelo plantio de culturas como algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão e hortaliças, além da criação de bovinos, ovinos, a instalação de cerâmicas e a exploração de madeiras com importância considerável. Atualmente faz parte da sua economia a agropecuária, pequenas indústrias e atividades do setor terciário como serviços e comércio (LUZ, 2015).

Conclusão

A fome, o solo e as dinâmicas socioambientais de São Jerônimo da Serra - PR são a base para esse trabalho, e vale pensar essa ligação entre solos e fome a partir de uma visão mais geográfica, sem desconsiderar, como diz Josué de Castro (1984), as características médicas.

O município de São Jerônimo da Serra, dentro de sua microrregião, é o que apresenta os dados mais alarmantes em relação à pobreza e extrema pobreza, e é também, o município que possui a maior taxa de vulnerabilidade social desta mesma microrregião. E por estar em uma área de transição de relevo, as características geomorfológicas e geológicas acabam por interferir nas questões sociais.

Como visto, a fome possui diversas faces, e muitas delas imperceptíveis, até mesmo para aqueles que padecem deste mal. Mas, essa busca por uma resposta mais concreta, fica evidente no tocante do trabalho. Vê-se aqui também, a questão do solo, que juntamente com a fome, se torna algo complexo e cheio de significados. Em suas complexidades, solo e fome se apresentam como objetos de pesquisa fascinantes, dos quais, cada dia que passa se mostram mais interligados. Pensar na fome é levar em consideração os elementos físicos que compõem a paisagem, pois apesar de ser um mal social, pode ser agravado devido a diversos fatores.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **O Que é Fome**. – São Paulo: Abril Cultura: Brasiliense, 1985.

ALVES, Wagner Willians. **A FOME: UMA DAS ARMAS MAIS PODEROSAS DO MUNDO – UMA ANÁLISE DA APLICABILIDADE DO CONCEITO DE FOME NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. / Wagner Willians Alves. 88.:il: tabs., graf., Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual do Norte do Paraná, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Colegiado do Curso de Geografia. 2017. Orientadora: Vanessa Maria Ludka.

ANJOS, Lúcia Helena Cunha dos. JACOMINE, Paulo Kliger Tito. SANTOS, Humberto Gonçalves dos. OLIVEIRA, Virlei Álvaro de. OLIVEIRA, João Bertoldo de. **SISTEMA**

BRASILEIRO DE CLASSIFICAÇÃO DE SOLOS. In: Pedologia: fundamentos / Editores João Carlos Ker... [et al.]. – Viçosa, MG: SBCS, 2012. p. 303-343.

CASTRO, Josué de, 1908-1973. **GEOGRAFIA DA FOME: o dilema brasileiro: pão ou aço / Josué de Castro.** – Rio de Janeiro: Antares: Achiamé, 1984.

_____. **O LIVRO NEGRO DA FOME.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1966

DAMIANI, Amélia Luiza. **População e geografia.** 9ª ed., 3ª reimp. – São Paulo: contexto, 2011.

IBGE, Biblioteca. **São Jerônimo da Serra.** Disponível em:
<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/parana/saojeronimodaserra.pdf>. Acesso 16 de maio de 2019.

KÄMPF, Nestor. CURI, Nilton. **CONCEITO DE SOLO E SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA.** In: Pedologia: fundamentos / Editores João Carlos Ker... [et al.]. – Viçosa, MG: SBCS, 2012. p. 1-20.

_____. **CARACTERIZAÇÃO DO SOLO.** In: Pedologia: fundamentos / Editores João Carlos Ker... [et al.]. – Viçosa, MG: SBCS, 2012. p. 147-170.

_____. **FORMAÇÃO E EVOLUÇÃO DO SOLO (PEDOGÊNESE).** In: Pedologia: fundamentos / Editores João Carlos Ker... [et al.]. – Viçosa, MG: SBCS, 2012. p. 207-302.

KÄMPF, Nestor. MARQUES, João José. CURI, Nilton. **MINERALOGIA DE SOLOS BRASILEIROS.** In: Pedologia: fundamentos / Editores João Carlos Ker... [et al.]. – Viçosa, MG: SBCS, 2012. p. 81-146.

LUZ, Coaracy Eleutério da. **A PERCEPÇÃO DA PAISAGEM TURÍSTICA EM SÃO JERÔNIMO DA SERRA E NOVA SANTA BÁRBARA: UMA REFLEXÃO A PARTIR DA GEOGRAFIA CULTURAL.** Maringá, 2015.

MAZOYER, Marcel. **1933- História das agriculturas no mundo: do neolítico à crise contemporânea.** Marcel Mazoyer, Laurence Roudart; [tradução de Cláudia F. Falluh Balduino Ferreira]. – São Paulo: Editora UNESP; Brasília, DF: NEAD, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Raízes da Fome.** 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes Ltda. e Fase – Federação de Órgãos para Assistência Social, 1986.

MUNICÍPIO, Prefeitura Municipal de São Jerônimo da Serra. **A História de São Jerônimo da Serra.** Disponível em:
<<<http://saojeronimodaserra.pr.gov.br/index.php?sessao=b054603368ncb0&id=1314>>>.
Acesso dia 22 de maio de 2019.

PÉRICLES, Helton. **HISTÓRICO DO MUNICÍPIO DE SÃO JERÔNIMO DA SERRA.**
Disponível em: <<http://www.humanitasbrasil.com.br/municipio.html>> Acesso dia 22 de maio de 2019.

RESENDE, Mauro. CURI, Nilton. OLIVEIRA, João Bertoldo de. KER, João Carlos.
PRINCÍPIOS DA CLASSIFICAÇÃO DO SOLO. In: Pedologia: fundamentos / Editores
João Carlos Ker... [et al.]. – Viçosa, MG: SBCS, 2012. p. 21-46.

SOBRINHO, Antônio Estevam de Lima. **Fome, Agricultura e Política no Brasil, A
chantagem alimentar.** Petrópolis: Vozes Ltda., 1981.

ZIEGLER, Jean. **DESTRUIÇÃO EM MASSA GEOPOLÍTICA DA FOME/** Jean Ziegler;
tradução de José Paulo Netto. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.